

LINGUAGEM DIAGRAMÁTICA DAS REDAÇÕES ESCOLARES

DIAGRAMMATIC LANGUAGE OF SCHOOL ESSAYS

2

Maria Suzett Biembengut Santade¹

1- *Docente da Faculdade Municipal Prof. Franco Montoro – Mogi Guaçu (FMPFM/Mogi Guaçu) e das Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI/Mogi Guaçu)*

Contato: suzett.santade@gmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva-se em apresentar a gramática diagramática das estruturas da língua valendo-se do *córpus*: redações dos estudantes da educação básica. Nas bases metodológicas, o trabalho ancora-se na Teoria dos Signos de Peirce a fim de fazerem-se algumas análises de palavras retiradas dos textos escolares em que ocorrem com frequência variações nos elementos constituintes da estrutura silábica do português 'brasileiro', vistas como ícones da expressão numa variedade não padrão. Constata-se que os diagramas visuais são as extensões de constante busca pictorial para explicarem-se as representações planas não-linguísticas elaboradas no intuito de clarear visualmente os textos. Assim, neste estudo, buscaram-se as ideias fundamentadas por esquemas a fim de torná-las mais objetivas e visuais na abordagem científica.

Palavras-chave: Gramática. Diagramas. Textos Espontâneos.

ABSTRACT

This article aims to present the diagrammatic grammar of language structures using the *córpus*: essays of basic education students. On the methodological basis, the work is anchored in Peirce's Theory of Signs in order to make some analysis of words taken from school texts in which variations in the constituent elements of the syllabic structure of 'Brazilian' Portuguese often occur, seen as icons of expression in a non-standard variety. It appears that the visual diagrams are the extensions of constant pictorial search to

¹ Coordenadora e Professora Titular na Graduação e Pós-graduação do Curso de Letras das Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI) e Professora Titular da Faculdade Municipal Prof. Franco Montoro (FMPFM), ambas situadas em Mogi Guaçu-SP. Pós-doutora: Educação (UMinho-PT, 2008) e Letras (UERJ, 2006); Doutora em Educação (UNIMEP, 2002); Mestre em Educação (PUCCAMP, 1998). Docente das disciplinas Linguística, Língua Latina, Línguas Inglesa e Espanhola, Comunicação e Expressão, Leitura e Produção de Texto e Metodologia Científica. Pesquisadora-Membro do Grupo SELEPROT-UERJ-RJ.

explain the flat non-linguistic representations elaborated in order to visually clear the texts. Thus, in this study, ideas based on schemes are sought in order to make them more objective and visual in the scientific approach.

Keywords: Grammar. Diagrams; Spontaneous texts.

INTRODUÇÃO

3

Durante todo o percurso da vida, o ser humano diagramatiza o que compreende através de gestos, sinais, de movimentos, de palavras orais e escritas. Estamos, atualmente, imersos em diagramas de diferentes tipos de comunicação e, mesmo assim, não estamos preparados para entender toda a sua gama de significação. Apesar do uso intensivo que se faz dos diagramas na grande parte das atividades humanas, principalmente na linguagem e nas interfaces comunicativas, ainda é muito vaga a reflexão que se faz sobre suas características essenciais e sobre suas qualidades na aplicação do conhecimento científico.

Afinal, o que é um *diagrama*?

A palavra *diagrama*, etimologicamente, significa 'através da linguagem' e vem do grego 'diágramma' na junção de duas palavras, *dia-* (através de) e *-grama* (unidade ou medida de linguagem). Muitas vezes a palavra 'diagrama' é somente reduzida a 'gráfico'. No entanto, *diagrama* vai além do simples esboço-gráfico. Peirce dedicou parte dos seus estudos à metodologia pragmática valendo-se dos diagramas e sistemas de diagramas, os quais ocupam um lugar muito relevante em toda a atividade matemática, embora pouco reconhecido pelos estudiosos.

Para Peirce (1980:06)², o que objetiva o pragmatismo "[...] é um método capaz de determinar o verdadeiro sentido de qualquer conceito, doutrina, proposição, palavra, ou outro tipo de signo". Peirce sempre ilustrou suas ideias fundamentais por esquemas e figuras a fim de torná-las mais objetivas e visuais a sua investigação científica³. Desta maneira, para Peirce, o pensamento diagramático possibilita uma visão essencial no racionamento matemático, dedutivo, lógico e, ainda, no racionamento geral. Assim, o que caracteriza o pensamento diagramático é seu método: da situação-problema elabora-se um diagrama; opera-se sobre o diagrama; assegura-se a generalidade da operação; a solução lê-se valendo do diagrama transformado. Um diagrama pode descrever, de maneira bem ampla, uma representação plana não-linguística elaborada no

² Peirce, Charles Sanders. 1980. *Escritos coligidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).

³ Nas redações escolares, vale ressaltar que se focaliza em paralelo a diagramação da narração e a diagramação dos signos verbais ativados ao narrar. Discutem-se as "infrações" segundo a ótica da norma padrão. Defende-se a escrita espontânea como processo indispensável na aquisição da escrita.

intuito de clarear visualmente um texto. Assim, a presença de um diagrama supõe a existência de algo que este representa de um contexto linguístico no qual está inserido. Esta caracterização diagramática interagida ao texto verbalizado torna-se mais compreensível àquilo que se quer explicar.

Diagrama e seus derivados são termos usados largamente nos escritos peirceanos. Muitas vezes Peirce utiliza em seus escritos a palavra *diagrama* como sinônimo de *ícone*, e também, *diagramático* como *icônico*.⁴

Vejamos algumas definições de diagrama nas palavras de Peirce:

Ícones são especialmente requisitados para o raciocínio. Um diagrama é, principalmente, um ícone, e um ícone de relações inteligíveis (CP 4.531).

Um diagrama deve ser tão icônico quanto possível; isto é, deve representar relações por meio de relações visíveis análogas a elas (CP 4.433).

Um diagrama geométrico ou arranjo de símbolos algébricos é construído de acordo com um preceito abstratamente dado, e entre as partes de cada diagrama ou arranjo certas relações são observadas para obter outras além daquelas que foram expressas no preceito (CP 2.216).

Eu chamo o signo que representa alguma coisa meramente porque se assemelha a ela, um ícone. Ícones são completamente substituídos por seus objetos tão dificilmente quando são distinguidos deles. Assim são os diagramas da geometria. Um diagrama, certamente, não obstante tenha uma significação geral, não é um ícone puro; mas no meio do nosso raciocínio nós esquecemos essa abstração em grande parte, e o diagrama é para nós a coisa. Contemplando uma pintura, existe um momento quando nós perdemos a consciência de que a pintura não é a coisa, a distinção do real e da cópia desaparece, e isso é para o momento um puro sonho – nenhuma existência particular, e ainda nenhuma geral. Nesse momento nós estamos contemplando um ícone (CP 3.362).

Um *diagrama* é uma representação visual estruturada e simplificada de um determinado conceito, ideia, etc. Um diagrama (ou gráfico) é um ícone (símbolo) de grupo de objetos racionalmente relacionados. Um diagrama é uma imagem esboçada incorporando o significado de um predicado geral (universal), e a partir da observação deste ícone podemos construir um novo predicado geral (universal). Um diagrama é uma representação que é predominantemente um ícone de relações e é apoiado a ser assim por convenções.

⁴ Cf. Peirce, Charles Sanders. 1931–1958. Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Vols. 1–6, Charles Hartshorne and Paul Weiss (Eds.); vols 7–8, Arthur W. Burks (Ed.). Harvard University Press.

Na teoria peirceana, o diagrama é um ícone, ainda que não exista qualquer semelhança sensível entre ele e seu objeto, mas apenas uma analogia entre as relações das partes de cada qual; o 'diagrama' é um 'ícone de relações'; em verdade, toda equação algébrica é um ícone, na medida em que *indica*, por meio de signos algébricos (que em si mesmos não são ícones), as relações das qualidades em causa. Diz Santaella que a semiótica peirceana é, antes de tudo, uma teoria sónica do conhecimento, que desenha, num diagrama lógico, a planta de uma nova fundação para se repensar as eternas e imemoriais interrogações acerca da realidade e da verdade. A mesma autora afirma que "uma vez que o elemento de referência neles [diagramas] se intensifica, os diagramas são hipoícones no nível de secundidade, diferentemente das imagens que estão em nível de primeiro e as metáforas em nível de terceiro..." (cf. Santaella, 1995: 118 e 157)⁵.

Nas palavras de Peirce⁶, um Ícone é um Representâmen cuja Qualidade representativa é uma sua Primariedade como primeiro, isto é, uma qualidade que ele possui *qua* coisa torna-o apto a ser um Representâmen. (...) Um Representâmen, por simples Primariedade, só pode ter um Objeto similar.

Sobre a aparência diagramática, Peirce afirma que "muitos diagramas não se assemelham, de modo algum, com seus objetos, quanto à aparência: a semelhança entre eles consiste apenas quanto à relação entre suas partes. Assim, podemos indicar a relação entre as diferentes espécies de signos através de uma chave" (CP 2.282, 1903; apud PEIRCE).

Panorama Semiótico Sob Concepção Peirceana

Historicamente, a semiótica teve origem na mesma época em que a filosofia possibilitando dizer que os problemas relacionados a essa ciência retrocedem a pensadores como Platão e Santo Agostinho. Iniciou na Grécia e continua a se desenvolver até os dias atuais. Contudo, há, aproximadamente, dois ou três séculos é que principiou a manifestação dos quais seriam denominados pais da semiótica. Assim, no advento do século XX, com os trabalhos de Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce, a semiótica começa a adquirir autonomia e o status de ciência.

A semiótica pode ser conceituada como a ciência de toda e qualquer linguagem. Nos dizeres de Lúcia Santaella, o "nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo"; portanto "é a ciência que tem por objeto de

⁵ Cf. Santaella, Lúcia. 1995. *A Teoria Geral dos Signos - Semiose e Autogeração*. São Paulo: Ática.

⁶ Cf. Peirce, Charles Sanders. 1975. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo. p. 116 e 144-5.

investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido”⁷.

No que tange aos estudos da ciência da semiótica analisaram-se, nesta ocasião, somente os trabalhos realizados pelo filósofo, cientista, físico, astrônomo e matemático estadunidense Charles Sanders Peirce (1839-1914), o qual “foi o enunciador da tese anticartesiana de que todo pensamento se dá em signos, na continuidade dos signos”⁸. Segundo Bittar, “a semiótica peirceana possui de peculiar o fato de que, antes de restringir seu projeto de estudo ao universo linguístico, apresenta-se sediada em terreno filosófico, mais propriamente no contexto de aprofundados estudos lógicos e pragmáticos, além de encontrar-se intimamente relacionada com a faneroscopia e a metafísica dos signos”⁹.

Na concepção peirceana, “signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele”¹⁰.

Os signos não têm um significado único e geral. O significado é algo pessoal, influenciado pela experiência que a pessoa teve com o signo e com os objetos e ideias por eles representados. Nessa esteira, Peirce fixou os níveis de apreensão através da concepção triádica ao entender que o homem significa tudo o que o cerca surgindo.

Conforme essa teoria, a apreensão dos fatos e imagens, por exemplo, na consciência ocorre através de três níveis ou modalidades possíveis de apreensão dos fenômenos que são denominadas primeiridade, secundidade e terceiridade.

A Primeiridade consiste naquilo que se encontra em nossa consciência no momento presente. “A qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) *in totum*, invisível, não analisável, frágil. Tudo que está imediatamente presente à consciência de alguém é tudo aquilo que está na sua mente no instante presente. (...) Nessa medida, o primeiro (primeiridade) é presente e imediato, ele é inicialmente, original, espontâneo e livre, ele precede toda síntese e toda diferenciação”¹¹.

A Secundidade é o palco da existência cotidiana. Apenas fato de estarmos vivos, significa que estamos reagindo em relação ao mundo. “Onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte do fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem que estar encarnada numa matéria. O fato de existir (secundidade) está nessa corporificação material. Assim sendo, Secundidade é quando o sujeito lê com

⁷ Cf. Santaella, Lúcia. 2008. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. p. 13.

⁸ Idem, 2001. *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. São Paulo: Iluminuras. p. 32.

⁹ Bittar, Eduardo Costa Bianca. 2008. *Linguagem Jurídica*. São Paulo: Saraiva. p. 26.

¹⁰ Santaella, Lúcia. 2008. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. p. 58.

¹¹ Santaella, Lúcia. 2008. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. p. 43

compreensão e profundidade de seu conteúdo¹²; é a “ação de um sentimento sobre nós e nossa reação específica, comoção do eu para com o estímulo”¹³.

Finalmente, a Terceiridade “corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Por exemplo: o azul, simples e positivo azul, é um primeiro. O céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde se encarna o azul é um segundo. A síntese intelectual, e laboração cognitiva – o azul no céu, ou o azul do céu - é um terceiro”¹⁴. A terceiridade, vai além deste espectro de estrutura verbal da oração, ou seja, o indivíduo conecta à frase a sua experiência de vida, fornece à oração, um contexto pessoal.

Ainda, no âmbito da teoria triádica de Peirce, os signos se diferenciam dependendo da relação entre os elementos que os compõem e de sua ação específica conforme três tricotomias. Assim, quando um signo diz respeito ao signo em si mesmo sendo “uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral”, pode ser classificado em quali-signo, sin-signo ou legi-signo. Quanto à relação de um signo com seu objeto dinâmico-diagramático, que se torna o objeto de nosso estudo, o signo pode ser classificado como ícone, índice e símbolo; e, nessa classificação “a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em sua relação com um interpretante”¹⁵. Quanto à relação do signo com os interpretantes, o signo pode ser classificado como rema, dicente e argumento.

Conforme a relação de um signo com seu objeto dinâmico, os signos baseados na analogia entre o significado e o referente chamam-se icônicos (do grego “Eikon” = imagem). Os ícones são sugestionáveis, qualquer que seja a sua qualidade ele pode ser substituto de algo que a ele se assemelhe; tem o poder de direcionar a atenção para as suas qualidades internas. “Qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como um signo”¹⁶. Desse modo, “o signo será um ícone quando possuir alguma semelhança ou analogia com o seu referente (objeto)”.

Clarice Araújo, em *Semiótica do Direito*, cita Santaella, a qual explica da mesma forma a relação icônica entre signo e objeto:

No caso do ícone, no entanto – a mais tenra e rudimentar forma de signo -, o objeto só vem a existir na medida em que surge um interpretante

¹² Ibid., p. 47

¹³ Ibid., p. 48

¹⁴ Santaella, Lúcia. 2008. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense. p. 51.

¹⁵ Peirce, Charles Sanders. 2008. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva. p. 51.

¹⁶ Ibid., p. 52.

que passa a funcionar, em termos de possibilidade, como objeto daquele signo. O objeto, nesse caso, só pode ser algo ser criado pelo próprio signo, determinando o signo a posteriori, o que o faz, aliás, funcionar como signo, caso contrário, ele não teria, em si mesmo, nenhum poder para funcionar como tal.¹⁷

Diferentemente, o índice consiste parte na representada de um todo anteriormente adquirido pela experiência subjetiva ou pela herança cultural, podendo-se dizer que através de um indício (causa) tiramos conclusões. A principal característica do índice é justamente a ligação física com seu objeto, como uma pegada é um "indício" de quem passou. Pode-se afirmar que o índice é "um ícone de tipo especial"; – "o signo será um índice quando mantiver uma relação direta, de contaminação com o objeto". Por último, o símbolo que de forma arbitrária estabelece uma relação convencionada entre o signo e o objeto; é composto de caráter icônico e indicial, é interpretado como se referindo àquele objeto – "o signo será um símbolo nos casos em que a relação com os objetos for convencionada".

Nesse sentido, conforme o entendimento de Bittar (2008), pode-se concluir que a teoria de Peirce, "diferentemente de outras concepções semióticas, confere aos signos uma dimensão significativa tão vasta que passam a se destacar absolutamente de qualquer espécie de intenção elocutiva. Nessa teoria, portanto, encontra-se lugar para signos não intencionais, ou seja, que se tenham formado sem a participação de um emissor sígnico. Fica claro, portanto, que a relação sígnica peirceana não é coincidente com uma relação comunicacional; uma e outra são coisas distintas, e aquela primeira independe desta última"¹⁸.

Diagramação Não-linear da Estrutura Silábica

Há muito tempo que a sílaba vem sendo definida de forma linear. Chama-se sílaba "estrutura fundamental, na base de todo o agrupamento de fonemas da cadeia da fala" (Mattoso, 1973). O interessante é que todos sentem que tal definição não basta e embora tentem definir a sílaba, de forma mais ampla, sabem que é bastante complexo defini-la.

A sílaba é um conjunto de elementos constituintes ou de um só elemento (C) V (C) que, de forma previamente estabelecida tais elementos marcados ou não-marcados pelos seus pontos de articulação e traços, deve ser vista de cima para baixo como *unidade*. Outrora se fazia generalizações apresentando a sílaba

¹⁷ Araújo, Clarice Von Oertzen de. 2005. *Semiótica do Direito*. São Paulo: Quartier Latin. p. 59.

¹⁸ Bittar, Eduardo Costa Bianca. 2008. *Linguagem Jurídica*. São Paulo: Saraiva. p. 27.

como segmentos com seus contrastes distintivos. Hoje há um campo mais aberto para novas postulações e hipóteses sobre ela na tentativa de uma compreensão mais ampla sobre a mesma. As discussões sobre ela vêm através de estudos recentes nestas últimas décadas partindo dos achados da linguística gerativa. Desse modo, começamos a observar a sílaba como uma “micro sentença” na qual há um segmento de entrada (*onset*), seja ele preenchido ou não, e uma rima com um núcleo obrigatório e com possibilidade de ser seguido por um elemento de saída (*coda*). Assim na linguística mais tradicional se classificava a sílaba como sendo aberta (V/CV/CCV) ou fechada ou travada (VC/CVC/CVCC). Hoje se sabe que não há língua sem esse conjunto ‘CV tier’ (Biembengut Santade, 2011)¹⁹.

Em analogia com a sílaba, a qual é um feixe de elementos agregados em forma hierárquica, assinalamos aqui as definições das classes de signos segundo a abordagem peirceana. Na colocação deste autor, o signo passa por um contínuo caminho triádico, assim: (i) a Primeiridade diz respeito a *experiências monádicas*, sensações e qualidades, sons, cheiros, cores, prazeres, quando fruídos completos em si mesmos, independentes de mais fenômenos; (ii) a Secundidade pressupõe dois elementos em contato. Na colocação de Peirce – “*experiências diádicas* ou *recorrências*, sendo, cada uma, uma experiência direta de um par de objetos em oposição”; e, (iii) a Terceiridade subentende “*experiências triádicas* ou *compreensões*, sendo, cada uma, uma experiência direta que liga outras experiências possíveis”, ou em outras palavras, conecta outros fenômenos como se fosse uma ‘teia’, mediando-os a partir de alguma lei ou continuidade.

A tricotomia inicial (diz respeito ao signo considerado em si mesmo, concernente ao nível *sintático* ou das ligações formais entre os próprios signos) está explanada por Peirce (2003:52)²⁰ desta maneira sucinta:

Um Qualissigno é uma qualidade que é um signo. Não pode realmente atuar como signo até que se corporifique; mas esta corporificação nada tem a ver com o seu caráter como signo.

Um Sinsigno (onde a sílaba *sin* é considerada em seu significado de “uma única vez”, como em singular, simples [...]) é uma coisa ou evento existente e real que é um signo. E só o pode ser através de suas qualidades ou, melhor, vários qualissignos. Mas estes qualissignos são de um tipo particular e só constituem um signo quando realmente se corporificam.

Um Legissigno é uma lei [latim *l e x* , *l e g i s*], que é um Signo. Normalmente, esta lei é estabelecida pelos homens. Todo signo convencional é um legissigno [...]. Não é um objeto singular, porém um

¹⁹ Cf. Biembengut Santade, Maria Suzett. 2011. Capítulo III: Gramaticalidade visual em sala de aula. A dança silábica através da fonologia não-linear no processo educacional. *Gramaticalidade de Pé-no-Chão*. Curitiba: Appris.

²⁰ Peirce, Charles Sanders. 2003. *Semiótica*. 3. ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva.

tipo geral que [...] será significante. Todo legissigno significa através de um caso de sua aplicação, que pode ser denominada Réplica. Assim, a palavra “o” [the] aparecerá de quinze a vinte e cinco vezes numa página. Em todas essas ocorrências é uma e a mesma palavra, o mesmo legissigno. Cada uma de suas ocorrências singulares é uma Réplica. A Réplica é um Sinsigno. Assim, todo Legissigno requer Sinsignos.

Em resumo, essas relações da divisão de signos no seguinte quadro diagramático segundo Peirce²¹:

Quadro 1. Relações da divisão dos signos.

	DIVISÃO DOS SIGNOS		
<i>Categoria</i>	<i>O signo em relação a si mesmo</i>	<i>O signo em relação ao objeto</i>	<i>O signo em relação ao interpretante</i>
Primeiridade	qualissigno	ícone	rema
Secundidade	sinsigno	índice	dicissigno
Terceiridade	legissigno	símbolo	argumento

Fonte: Adaptado de Coelho (2003).

Tomando como base o resumo feito por Coelho (2003: 62-63) da teoria peirceana, apresentamos as definições mais gerais das dez classes de signos a fim de explicar o quadro descrito acima onde as três tricotomias de signos estão combinadas segundo os relacionamentos lógicos na interpretação dos signos. Os signos apresentam-se numa multiplicidade de diferentes formas, e isso significa que é muito complexo identificar um signo no estado puramente de qualidade. Essa qualidade, no entanto, depende de uma forma, um evento ou uma existência para co-existir, e neste sentido, a cada interpretação revelada dificulta a observação da pura qualidade.

De forma sinóptica, listamos as definições peirceanas mais gerais das dez classes de signos e um quadro com exemplos extraídos do texto de Coelho (2003: 62-63-64) para esclarecer os tipos de signos que são classificados nestas classes distintas:

²¹ Coelho, José Teixeira. 2003. *Semiótica, informação e comunicação*: diagrama da teoria do signo. 6. ed. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates; 168). p. 62.

1. *Qualissigno*: é uma qualidade tomada como signo. Ex.: sensação de “vermelho”. Sendo uma qualidade, só pode significar um objeto tendo com este alguma semelhança; portanto, é um ícone. E considerando que uma qualidade é uma mera possibilidade lógica, só pode ser interpretada enquanto rema. Portanto, esta é a classe do *qualissigno icônico remático*.
2. *Sinsigno icônico*: é uma coisa ou evento da experiência cujas qualidades fazem que signifique um objeto. Ex.: o diagrama de uma árvore. Tendo semelhança com o objeto, é um ícone (envolve, pois, um qualissigno) e, como no primeiro caso, é interpretado através de um rema: *sinsigno icônico remático*.
3. *Sinsigno indicial remático*: coisa ou evento da experiência que chama a atenção para o objeto (deste funcionando como signo) pelo qual sua presença é determinada. Ex.: um grito como signo de dor. Também interpretado através de um rema, envolve um *sinsigno icônico*.
4. *Sinsigno dicente*: objeto ou evento da experiência que funciona como signo de algo que o afeta diretamente – o que faz que seja um índice. Ex.: cata-vento. Só dá informações sobre fatos concretos e materiais. É uma classe onde se combinam dois tipos de signos: um *Sinsigno Icônico*, para materializar a informação, e um *Sinsigno Indicial Remático* (como no caso anterior) para indicar o objeto. Coelho diz que Max Bense²² apresenta esta classe como sendo a do *sinsigno indicial dicente*, mas fazer isto é suprimir o *Sinsigno Icônico* observado por Peirce, razão pela qual é melhor dá-la como sendo a classe dos *sinsignos dicentes* em geral.
5. *Legissigno Icônico*: é uma lei ou convenção que se apresenta como signo de algo. Ex.: um diagrama genericamente considerado, sem estar ligado a alguma coisa em particular. Neste caso é um ícone, a ser interpretado como rema: *legissigno icônico remático*.
6. *Legissigno indicial remático*: é uma lei a requerer que cada um de seus casos seja afetado pelo objeto correspondente, de modo a atrair a atenção para este. Ex.: um pronome demonstrativo. Este *legissigno* será pois um índice, e seu interpretante é um rema.
7. *Legissigno indicial dicente*: é uma lei cujos casos são afetados por seu Objeto de modo a dar uma informação sobre este objeto. Por ex.: uma placa de trânsito com um E inscrito num círculo vermelho

²² Op. Cit. apud Coelho. Bense, Max. 1971. *Pequena estética*. São Paulo: Perspectiva.

significa que ali onde ela está fincada “é permitido estacionar”. Trata-se, portanto, de uma convenção que indica uma coisa concreta e localizada, e cujo significado não é apenas uma palavra mas um enunciado.

8. *Legissigno simbólico remático* (símbolo remático ou rema simbólico): signo que representa seu objeto através de uma convenção. Como este símbolo é de tipo geral, é um legissigno; é remático por fazer parte de um enunciado maior. Ex.: qualquer palavra do dicionário.
9. *Símbolo dicente*: signo que representa seu objeto através de uma convenção e que é interpretado sob a forma de um enunciado. Qualquer proposição do tipo “A é B” é exemplo de símbolo dicente. É um legissigno: *legissigno simbólico dicente*.
10. *Argumento*: signo que representa seu objeto através, em última análise, das leis de um silogismo ou das leis segundo as quais a passagem de certas premissas para certas conclusões tende a ser verdadeira. Ex.: toda argumentação do tipo “A é B, B é C, portanto A é C”. Utiliza-se de símbolos e, sendo lei, é legissigno: *legissigno simbólico argumental*.

Essas classes permitem a volta ao que já foi observado em relação às três funções semióticas do signo. É que, como se vê, um mesmo signo pode ser, simultaneamente, icônico e simbólico. Em outras palavras Coelho diz que um mesmo signo pode participar de mais de uma tricotomia simultaneamente: sinsigno icônico, legissinsigno icônico, legissinsigno indicial. De fato, é sob esta forma mista que os signos mais frequentemente se apresentam, o que nem sempre torna a tarefa de identificar o tipo de signo num dado discurso em algo simples e imediato.

O quadro-resumo das classes de signos, onde cada classe é dada apenas em sua denominação simplificada e seguida por um exemplo, descreve objetivamente²³:

²³ Cf. Coelho, José Teixeira, Op. Cit. p. 64.

Quadro 2. Quadro-resumo das classes de signos.

Qualissigno	sensação de vermelho
Sinsigno icônico	um diagrama particular
Sinsigno indicial remático	um grito de dor
Sinsigno dicente	um cata-vento, uma foto
Legissigno icônico	um diagrama geral
Legissigno indicial remático	um pronome demonstrativo
Legissigno indicial dicente	uma placa de trânsito no lugar em que significa
Símbolo remático	um substantivo
Símbolo dicente	uma proposição
Argumento	um silogismo

Fonte: adaptado de Coelho (2003).

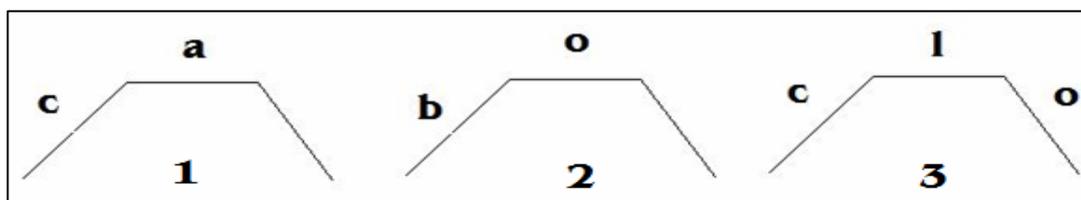
Podemos afirmar que a sílaba, como um feixe de segmentos distribuídos em (C)V(C), é um hibridismo entre sinsigno e legissigno icônico, pois pode uma sílaba ser uma palavra e ser vista como um template-quadro. *Sinsigno Icônico*, nas palavras de Coelho (Op. Cit., p. 62), é “[...] uma coisa ou evento da experiência cujas qualidades fazem com que signifique um objeto” e que para que tenha semelhança com qualquer objeto necessita de qualisignos para a formação de ícones. O diagrama-silábico é um bom exemplo de sinsigno icônico, pois demonstra parte da palavra ou palavra inteira de existência definida. Parafraseando Peirce, sinsigno (Token ou "ocorrência"): é uma coisa ou evento existente e real que é um Signo.

O diagrama-silábico pode ser exemplificado na palavra “caboclo” (Biembengut Santade, 2006)²⁴. Mesmo sendo pronunciada a palavra “caboclo” lentamente, nota-se a dificuldade do falante ao produzi-la porque justamente o encontro consonantal, ou melhor, os elementos de entrada (onsets) da última

²⁴ Vale assinalar que, nas redações espontâneas dos alunos, as inversões são configuradas em rupturas com a concordância, com a regência e com a colocação, uma vez que essas produções são avaliadas sob o crivo da norma padrão.

unidade estão na unidade final átona e a tendência é colocar os dois elementos (onsets) na sílaba tônica (na unidade saliente).

Figura 1. Diagrama-silábico.



Fonte: adaptado de Biembengut Santade (2006).

Observa-se nessa palavra diagramática que é comum haver a *metátese* na unidade 2 onde há mais força silábica para a produção do grupo consonantal. A tendência é colocar os dois *onsets* na sílaba tônica (sílabas 2 - unidade saliente) quando o esquema básico é utilizado na ilustração da palavra: cabloco > cabloco [k a 'b l o k u]. A inversão fonemática é a representação icônica da dificuldade de aquisição de um padrão verbal que não é “natural” ou espontâneo no grupo de origem do falante.

Representação Linguística na Diagramação das Ideias

A manifestação linguística oral acontece bem antes da escrita, a qual traduz de forma imperfeita a coreografia da oralidade. Antes da apresentação oral ou escrita da narrativa, como produto de um processo criativo, há uma fase de percepção das ideias e conceitos, que tem por base a apreensão dos traços culturais, no nível social e no individual. Nesse sentido, a narrativa espontânea manifesta-se depois da compreensão linguística do observador na interação com o meio.

De fato, os linguistas questionam a rejeição da representação e da informação no processo cognitivo. Para eles, os símbolos e signos da linguagem, tanto a falada como a escrita, são representações de coisas, ideias e conceitos. Os seres humanos aprendem sempre por meio de um mundo pré-dado e pela representação linguística. A visão representacionista, entretanto, apresenta-se numa rede cultural de convenções que delimita muito a participação do observador. A linguagem direcionada nessa visão convencional descompromissa o aprendiz de uma realidade ausente de sua experiência. Essa visão da realidade

fora do sujeito torna a vida com características transcendentais, universais e independentes²⁵.

Observa-se a narrativa de Carlos que é feita com formas da variedade verbal local. Para uma análise mais acertada, cumpre cruzar os dados em perspectiva semiótica e funcional, para chegar-se à cena comunicativa e identificar traços culturais que a definem:

Importância dos estudos

A importância dos estudos
para mim sem o estudo
nos não sanos nada
neste mundo se você
não tiver oitava seri
você não entra neuma
Farma.
Se você não estudar você
vai cortar cána.
Eu pretendo estudar de
mecânico agora eu sol
ajodante de mecânico.
Também ajodante de fonileiro
Quem quer estudo
cosege quem não quer
estudo não tem.
Mais sertás pessoas não
aproveita o estudo.
Tem tranta pessoa precisam-
do estudos
Tomara que os meus amigos
teja um futuro bom

Ao ser analisada a narrativa de Carlos por meio dos aspectos tradicionais linguísticos, constatamos infrações fonomorfo sintáticas de toda ordem gramatical. Ao ignorarmos os domínios linguísticos do aluno, buscamos as regularidades frasais na ordem das palavras, na aplicação da regência e concordância. Com isso, apegamo-nos às regras funcionais da gramática para uma perfeita análise de cada expressão linguística estabilizada no texto escrito.

Mesmo com ingênuas noções linguísticas, o professor não deixaria de dizer que Carlos é um incompetente linguístico e não desempenha com distinção os aspectos formais e diagramáticos da língua. Afirmações genéricas como “não

²⁵ Cf. Capítulo IV. Dança das palavras nos atos de linguagem da criança. Sub-item: O domínio semântico da narrativa escolar. In: Biembengut Santade, Maria Suzett. 2008. *Semântica e Experiência Humana: o encontro de linguagem na educação básica*. Rio de Janeiro: T.Mais.Oito. p. 241-262.

sabe escrever porque é pobre culturalmente”, “não tem acesso à leitura”, “caipira na linguagem”, “não será nada na vida”, seriam algumas considerações na conceituação do aluno.

Na verdade, não há nada na redação que comprometa o entendimento linguístico e semântico do aluno. Há coerência e coesão naquilo que se propõe dizer. Carlos revela, na narrativa, seu mundo em interações linguísticas com as pessoas e o meio em que vive. Assim, as palavras descrevem a história cultural de sua vida e elas são as suas próprias ações na vida ordinária — a vida de todos os dias — a qual “é uma refinada coreografia de coordenações comportamentais” (Maturana e Varela, 1995:252).

Infelizmente, sentimos nas entrelinhas, a voz de Carlos, em sequência de palavras, refletindo uma escola que o nega e que, na indiferença, considera-o excluído do processo educacional. Afirmam Maturana e Varela que “sem amor, sem a aceitação do outro ao nosso lado, não há socialização, e sem socialização não há humanidade” (1995:263).

O texto de Carlos apresenta uma estrutura diagramática perfeita de narração, pois há uma rede de interações linguísticas adaptadas ao seu viver. Ele utiliza as palavras, as frases, o texto todo como ações para mostrar o fenômeno social no qual está inserido, e a partir do texto narra sua experiência vivida. O aluno tem consciência de sua identidade e reflete sobre a realidade escolar que está distante da sua. Para ele, a escola apresenta uma tradição cultural que só serve para aqueles subordinados ao modelo transcendente e que nega os fenômenos cognitivos diferenciados dos alunos. Na narrativa segundo os moldes da diagramação escrita proposta, o redator opina e deseja sorte aos colegas; mas sua conduta, em relação à escola, é de fracasso.

Observa-se a narrativa de Maycom:

Meu caminho de casa

Quando eu vou para escola.
Eu paso na frente do mercado e
subo paracima e vou reto e viro paracima
e vou reto e vou reto, viro atrás da escola
evou, sigo na esquina viro para sima
xigo na fente do portam e entro aqui
dentro da escola ai na ora de i em
bora eu vou porbaixo vou desendo
reto paso a venida e viro a rua
para baixo e vai reto para na frente
da casa do meu amigo e um pouco
para baixo é aminha casa.

Nesse texto, Maycom emprega período composto com orações coordenadas, que representam o acoplamento de ações comportamentais do seu observar. Nota-se a dinâmica da experiência acoplada a seu mundo diário, contendo regularidades que resultam da história biossocial da criança. Na sua narrativa, o conhecer de Maycom encontra-se na observação e na explicação do caminho de sua casa à escola. Nessa perspectiva, as palavras com conceitos arbitrários efetuam as interações com a vida comunitária e sua história cultural.

CONCLUSÃO

Com as amarras da língua convencional, o professor não traduz o sentido da vida da criança valendo-se somente do contexto das suas narrativas. Ele espera, em curto espaço de tempo, que a criança apreenda as regras linguísticas, para ser incluída no nível dos capacitados ao uso da língua.

Sabemos, no entanto, que a criança, quando aprende a lidar com a palavra escrita, passa a narrar suas experiências vividas sem a pretensão gramatical consciente. Há, porém, uma macrogramaticalidade que está no seu processo narrativo constante. A criança cria seu espaço narrativo e nele dialoga com o outro, compartilhando as experiências. Na narrativa, a criança revela-se em sentimentos e reflexões, e também apresenta seus medos, afetos, dificuldades, sucessos. Como narrador-participante, ela interfere na realidade apresentando novos sentidos²⁶.

O texto espontâneo valida a experiência da criança, a qual quase sempre ilustra com desenhos a dinâmica do seu comportamento. Isso significa que toda experiência visual representa um campo de ação da pessoa. A criança escreve o que faz e isso se torna inseparável da sua experiência cotidiana, com todas as regularidades: os estabelecimentos, as praças, e todos os pontos de referência. De fato, os processos envolvidos nas atividades e nas ações diárias da criança refletem o seu pensar. No processo escolar, a criança narra espontaneamente seu mundo e aos poucos domina as diversas modalidades linguísticas.

Recorremos aos textos espontâneos de Carlos e Maycom justamente para mostrar suas explicações e seus espaços de convivência²⁷. Eles expressam seus entornos, retratando a vida cotidiana. Habitualmente, a criança, respeitada no ensino-aprendizagem por meio das narrativas espontâneas, acaba aproximando-se de modelos de narrativas mais complexas no percurso natural escolar. Enquanto se caminha nesse processo, a prática da leitura de fábulas, contos,

²⁶ Vale também conferir a metodologia ilustrada de Simões, Darcilia. 2003. *Semiótica & Ensino. Reflexões teórico-metodológicas sobre o livro-sem-legenda e a redação*. Rio de Janeiro: Dialogarts.

²⁷ Os textos espontâneos encontram-se analisados nos aspectos fonéticos com esquemas não-lineares em Biembengut Santade, Maria Suzett. 2011. *Gramaticalidade de Pé-no-Chão*. Curitiba: Appris.

prosas de ficção possibilita à criança transitar da narrativa informal à formal — de textos espontâneos aos de cunho de ficção. É importante levar em conta que o processo de apropriação das habilidades de produção espontânea de textos se insira no contexto mais amplo com formas mais complexas de narrar.

Como se pode observar, as características apontadas referentes às narrativas fonografadas de Carlos e Maycom não revelam falta de domínio linguístico escrito, uma vez que as narrativas apresentam domínios gramáticos e recursivos da linguagem representativa-oral. Ao lado da influência de certas estratégias do oral no escrito, entretanto, percebe-se que Carlos e Maycom procuram atender a algumas normas da gramática diagramática do texto como estas: o título das narrativas destacado antes do corpo do texto; o espaçamento do parágrafo; a utilização de maiúsculas ao início de cada parágrafo; translineação. De fato, as normas ortográficas, as de concordância, as de regência não estão bem convencionadas, pois se destaca a falta do hábito de leitura no viver das crianças, mas isso não as deixa sem os esquemas diagramáticos aprendidos no percurso escolar em contínuo sempre.

Tentamos, nas duas amostragens das narrativas dos alunos Carlos e Maycom, registrar alguns poucos aspectos recursivos da tradição linguística para, enfim, nos determos nas crianças, com base na ontologia do conhecer e do explicar sem desmerecer seus estilos narrativo-expressivos com os modelos de diagramação textual. Carlos e Maycom praticam uma gramática diagramática relativa ao seu grupo social. Produzem boas narrativas, pois representam iconicamente as ações, os seres e as coisas que observam na sua experiência cotidiana. Organizam o material textual em ordem espacial, temporal e de importância. Isso é iconicidade diagramática.

Os textos desses alunos colocados como exemplos, ao serem digitados neste trabalho, perderam o fluir espontâneo representado pela letra cursiva, mesmo sendo respeitada a forma escrita das crianças. Nos textos originais dos aprendizes, sente-se o momento corporal da escrita na forma da letra, na escolha das palavras e até nos borrões pelas tentativas várias de praticar as normas linguísticas.

Concluimos então que não há ignorância de esquemas diagramáticos, senão a prática de outros esquemas que podem servir de base para a aprendizagem dos esquemas da norma padrão. Afirmamos, contundentemente, que as teorias linguísticas e semióticas acopladas permitem um ensino-aprendizagem sem as amarras da discriminação escolar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clarice Von Oertzen de. **Semiótica do Direito**. São Paulo: Quartier Latin, 2005.

BENSE, Max. **A pequena estética**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BIEMBENGUT SANTADE, Maria Suzett. **A Palavra e o Desenho: uma interação da semântica e da semiótica na aprendizagem da língua**. Pesquisa de Pós-Doutoramento realizada no Instituto de Letras da UERJ, sob supervisão de Darcília Simões, 2006.

BIEMBENGUT SANTADE, Maria Suzett. **Semântica e Experiência Humana: o encontro de linguagem na educação básica**. Rio de Janeiro: T.Mais.Oito, 2008.

BIEMBENGUT SANTADE, Maria Suzett. **Gramaticalidade de Pé-no-Chão**. Curitiba: Appris, 2011.

BITTAR, Eduardo Costa Bianca. **Linguagem Jurídica**. São Paulo: Saraiva, 2008.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Petropolis: Vozes, 1973.

COELHO, José Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação: diagrama da teoria do signo**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Debates; 168), 2003.

MATURANA R., Humberto; Varela, Francisco G. **A árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Trad. Jonas Pereira dos Santos. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vols. 1–6, Charles Hartshorne and Paul Weiss (Eds.); vols 7–8, Arthur W. Burks (Ed.). Harvard University Press, 1931–1958.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 116 e 144-5.

PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos Coligidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores), 1980.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. ed. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos - Semiose e Autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomsom, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SIMÕES, Darcília. 2003. **Semiótica & Ensino**. Reflexões teórico-metodológicas sobre o livro-sem-legenda e a redação. Rio de Janeiro: Dialogarts. (Baseado na tese de doutoramento da autora, UFRJ, 1994).

A autora declarou não haver qualquer potencial conflito de interesse referente a este artigo.